

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

**CARINA DOS SANTOS CAMARA**

**A CULTURA ENTRE O CUIDADO COM O MUNDO E A SOCIEDADE DE  
MASSAS: a reflexão de Hannah Arendt**

São Luís  
2012

**CARINA DOS SANTOS CAMARA**

**A CULTURA ENTRE O CUIDADO COM O MUNDO E A SOCIEDADE DE  
MASSAS: a reflexão de Hannah Arendt**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da  
Universidade Federal do Maranhão, para obtenção  
do grau de licenciatura em Filosofia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ms. Maria Olívia Serra.

São Luís

2012

Camara, Carina dos Santos

A Cultura entre o cuidado com o mundo e a sociedade de massas: a reflexão de Hannah Arendt / Carina dos Santos Camara, 2012.

40 p.

Impresso por computador (fotocópia).

Orientadora: Maria Olilia Serra

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de Filosofia, 2012.

1.Filosofia-Arendt 2. Filosofia alemã 3.Cultura-Sociedade 4.Educação

CDU: 1 ARENDT

**CARINA DOS SANTOS CAMARA**

**A CULTURA ENTRE O CUIDADO COM O MUNDO E A SOCIEDADE DE  
MASSAS: a reflexão de Hannah Arendt**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da  
Universidade Federal do Maranhão, para obtenção  
do grau de licenciatura em Filosofia, sob orientação  
da Profª Ms. Maria Olívia Serra.

Aprovado em:    /    /

Nota: (\_\_\_\_\_)

BANCA EXAMINADORA

---

**Profª.: Maria Olívia Serra** (Orientadora)  
Mestra em Filosofia  
Universidade Federal do Maranhão

---

Profº (2º EXAMINADOR)

---

Profº (3º EXAMINADOR)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado, primeiramente, saúde e sabedoria para que, com fé, eu chegasse até aqui; guiando-me em todos os momentos da minha vida.

Aos meus pais e minha avó que sempre estiveram ao meu lado, e que acreditaram em mim.

Aos meus amigos da UFMA: Adryanny Karolyny, Antonio Humberto, Carmemylla Batista, Davilene Veronica, Elton José, Flaviano Menezes, Gracileia, Igor Pereira, Josué Figueira, Karine Muniz, Lilian Chagas, Nathalia Salazar, Raineri Silva, Renata Maranhão e Wandyson Oliveira.

A minha orientadora Maria Olívia Serra.

## RESUMO

Relação entre cultura e sociedade de massas com suas implicações para a educação, à luz das reflexões de Hannah Arendt. Inicia-se com a análise sobre o Totalitarismo, que direcionou a autora para pensar as experiências políticas do século XX. Destaca-se a reflexão sobre a cultura a partir da ascensão da burguesia, onde a sua visão desvalorizou na sociedade aquilo que não tinha valor material e passou num determinado momento histórico a usurpar a arte, tendo na cultura um meio de adquirir status na sociedade. Todos esses fatores, principalmente a crise na cultura acabou por influenciar a educação que, na escola, a perda da autoridade e a incapacidade de levar os alunos a pensar, deixando-os a mercê de qualquer ideologia. Essa alteração na cultura, e conseqüentemente na educação, tornaram-se um entrave na sociedade quando houve a desvalorização das tradições, ou seja, das obras imortais que fazem parte do passado de uma determinada sociedade.

Palavras-chave: Cultura. Sociedade. Educação. Hannah Arendt.

## ABSTRACT

Relationship between culture and mass society with its implications for education in the light of the reflections of Hannah Arendt. It starts with the analysis of Totalitarianism, which directed the author to think the political experiences of the twentieth century. We highlight the reflection on culture from the rise of the bourgeoisie, where your vision devalued in society that had no material value and has a particular historical moment to usurp the art, culture and a means of acquiring status in society. All these factors, especially the crisis in culture eventually influence education in that school, the loss of authority and inability to lead students to think, leaving them at the mercy of any ideology. This change in culture in education and consequently have become a drag on society when there was a devaluation of the traditions, namely the immortal works that are part of the past of a particular society.

Keyword: Culture. Society. Education. Hannah Arendt.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>2</b>	<b>HANNAH ARENDT E OS TEMPOS SOMBRIOS.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1</b>	<b>O Totalitarismo.....</b>	<b>13</b>
<b>2.2</b>	<b>Sociedade de Massas.....</b>	<b>15</b>
<b>2.3</b>	<b>Sociedade de Massas e Trabalho.....</b>	<b>18</b>
<b>3</b>	<b>CULTURA E SOCIEDADE DE MASSAS: a crise da cultura.....</b>	<b>23</b>
<b>3.1</b>	<b>O Fim da Arte.....</b>	<b>26</b>
<b>4</b>	<b>CULTURA E EDUCAÇÃO EM HANNAH ARENDT: uma articulação.</b>	<b>28</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A filósofa Hannah Arendt (1906-1975), nasceu na cidade de Hannover, na Alemanha. É considerada uma das filósofas mais importantes dos últimos anos, devido a suas reflexões acerca do que envolve a política, o homem, a sociedade, a cultura e a educação entre outros temas.

Arendt ingressou na Universidade de Marburg no ano de 1924, época de extraordinário fervor intelectual da comunidade acadêmica alemã. Lá conheceu Heidegger que a introduziu na dinâmica do pensar como razão de vida e não como atitude de erudição frente aos grandes desafios da existência.

Na visão de Zuben<sup>1</sup>, Arendt tinha uma personalidade respeitável, como poucos pensadores e como principal característica despertava (e desperta) a curiosidade de qualquer pessoa que se aproxime de sua obra, não importando qual a razão do interesse que mova o leitor a ler suas relevantes obras. Entretanto, ao tomar contato com sua obra, este leitor deve reconhecer o vigor de sua reflexão e a paixão com que ela orientou sua vasta erudição na tarefa de compreensão do mundo em que viveu. Arendt tinha seu pensamento voltado para, antes de tudo, para a política.

O século XX com seus tempos sombrios foi sua inspiração para que a filósofa escrevesse várias obras, entre elas: “Origens do totalitarismo” (publicado no ano de 1951) e em seguida: “A condição humana” (1958), “Entre o passado e o futuro” (1968), dentre outros.

Segundo Gasparini<sup>2</sup> o livro “As Origens do Totalitarismo” pretendia retratar o fato político e social que se passava na Alemanha e na União Soviética. Para Arendt, o fenômeno totalitário só poderia ter ocorrido após um longo processo histórico em que a política perdeu suas referências transcendentais. Esse processo se insere na temática da ruptura ou da quebra entre o passado e o futuro, presente na coletânea “Entre o passado e futuro”.

No ensaio intitulado “A quebra entre o passado e futuro”, Arendt faz referência a um aforismo de René Char, que diz: *“nossa herança nos foi deixada*

---

<sup>1</sup>ZUBEM, Newton Aquiles Von. **O Pensar de Hannah Arendt e Paul Ricoeur**. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br>. Acesso em 08 março 2012.

<sup>2</sup>GASPARINI, Melissa Ferreira. **Breves Comentários sobre vida e obra de Hannah Arendt**. p. 02. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br>. Acesso em 10 março 2012.

*sem nenhum testemunho*". Esse aforismo instiga as reflexões da autora sobre o tema da quebra entre o passado e o futuro, operando como metáfora das condições teóricas nas quais se tem de exercitar o pensamento e a compreensão do presente e do passado. Na coletânea, Arendt ressalta que se trata de exercícios de pensamento político (tais como os acontecimentos políticos) e que se moveu entre o passado e o futuro. São textos críticos e de experimentos, mas não visam projetar qualquer futuro utópico, e também não pretende desmascarar conceitos tradicionais com a crítica ao passado.

"A crise na cultura: sua importância social e política" integra o conjunto de textos da coletânea "Entre o passado e o futuro", e nesse ensaio, Arendt reflete sobre a cultura em sua relação com a sociedade de massa. Arendt destaca principalmente as características do homem de massa, da origem da cultura e o status objetivo do mundo cultural, analisando questões que estão presentes em nosso tempo, articulados com a crise da autoridade.

Escrever sobre Arendt como tema de um trabalho acadêmico instiga uma reflexão filosófica, sobre as sociedades, principalmente as sociedades de massas que no tempo presente são o alvo preferencial da indústria do entretenimento, cuja influência é forte na vida do homem, principalmente através da educação e da cultura. Dessa forma, o objetivo principal deste trabalho é compreender a reflexão de Arendt sobre a cultura em sua relação com a sociedade de massa, bem como as implicações para a educação.

Para a realização da pesquisa utilizou-se a metodologia da revisão bibliográfica, onde se busca a visão de Arendt com a ajuda de diversos autores que irão contribuir para um bom desenvolvimento do trabalho.

De tal modo, o trabalho se desenvolve da seguinte forma:

No capítulo 1 descreve-se a vida e obras de Arendt, destacando as mudanças na sociedade contemporânea a partir de seus escritos.

Já no capítulo 2 analisa-se os "tempos sombrios" vividos por Arendt, a compreensão política, bem como suas implicações para a sociedade contemporânea tendo como base o Totalitarismo.

No capítulo 3 aborda-se o desenvolvimento da cultura, a sociedade de massas e suas principais características, principalmente as perdas contemplativas na vida do homem.

E dando sequência, no capítulo 4, articula-se a cultura e a educação em Hannah Arendt, considerando os textos “A Crise na cultura e a Crise na educação”, tendo em vista a insígnia do pensamento de Hannah Arendt: *o amor mundi*.

Por último, será feito as considerações finais acerca do trabalho. Espera-se que este seja motivo de despertar o interesse de outras pessoas acerca do tema proposto.

## 2 HANNAH ARENDT E OS TEMPOS SOMBRIOS

Na coletânea “Homens em Tempos Sombrios”, Arendt refletiu principalmente sobre como os indivíduos viveram suas vidas em épocas de terror e assim puderam contar histórias dos homens e das mulheres que foram vítimas ou espectadores das barbáries políticas no cotidiano. Colocando a questão do tempo sombrio como algo que ainda está presente no mundo moderno.

Durante a Segunda Guerra Mundial com a ascensão de Hitler ao poder, Arendt deixa a Alemanha e vai para a França. Em Paris, reencontrou Günther Stern e conviveu com alguns amigos, em especial Walter Benjamin, conhecendo o também filósofo alemão Heinrich Blücher.

Na França, juntamente com outras mulheres (as “inimigas estrangeiras”), ficou detida em Gurs, num campo utilizado para refugiados espanhóis e membros de brigada internacional. Em maio de 1941, a filósofa foi exilada e somente quando conseguiu a cidadania norte-americana é que voltou a se dedicar a carreira acadêmica.

Superadas as dificuldades de adaptação após sua chegada aos Estados Unidos em 1941, como exilada e apátrida, Arendt começou a elaborar *As origens do totalitarismo*. Nesse livro de 1951, atesta-se o impressionante esforço intelectual de Arendt para compreender o incompreensível, fazendo de seu próprio destino uma história na qual as análises do anti-semitismo e do imperialismo culminam na investigação do totalitarismo.<sup>3</sup>

No ano de 1961 foi para Jerusalém onde cobriu o julgamento de Adolf Eichmann, o mesmo que fazia as deportações do holocausto. A partir daí, escreveu cinco artigos que recebeu o título de “*Eichmann em Jerusalém*”, e junto a este criou, a expressão: “*a banalidade do mal*”, e, por isso, foi criticada por vários intelectuais da época. Para Arendt, essa expressão explicava como o mal pode ser banal e que domina o fazer político moderno.

Segundo Pedro Paulo Pereira Costa<sup>4</sup>, a filósofa “repudiou com todas as forças o totalitarismo e se apresentou como uma crítica muito bem armada na sua

---

<sup>3</sup>DUARTE, André. **O Pensamento à Sombra da Ruptura**: Política e Filosofia em Hannah Arendt. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p.02.

<sup>4</sup>COSTA, Pedro Paulo Pereira. **O Papel do Educador na Concepção de Hannah Arendt**. Disponível em: <http://www.catolicadeanapolis.com.br>. Acesso em 10 abril 2012.

erudição filosófica-política. Foi com essas críticas e adicionado à cobertura do julgamento de Eichmann que formulou o célebre conceito de “banalização do mal.”

Adler, quando descreve a ida de Arendt a Jerusalém mostra que a presença dela teve como consequência vários acontecimentos. De acordo com Silva, no país “ela foi influenciada pelo tédio, aborreceu-se com a cidade, não teve paciência com as testemunhas, irritou-se com a gramática do promotor e largou o tribunal no meio do julgamento”<sup>5</sup>.

À época da publicação de Eichmann em Jerusalém, as ideias de Arendt atraíram críticas iradas dos militantes de organizações judaicas. Estes, além de considerar falsas suas conclusões, rejeitariam a insinuação da cumplicidade no extermínio. Na verdade, a autora somente salientara a complexidade da natureza humana e uma certa “*banalidade do mal*”, que surge à medida que se encara com naturalidade aberrações como a tortura, o sofrimento e a prática do mal. Assim, Arendt conclui que apenas o exercício de uma constante vigilância pode assegurar a preservação e a defesa da liberdade.<sup>6</sup>

E nesse contexto de tortura e sofrimento, estar o totalitarismo criticado por Arendt cuja essência é o terror e cujo princípio de ação é a lógica do pensamento ideológico. Aqui o isolamento se torna solidão.

A solidão ultrapassa o terreno político da vida, abrange a vida humana como um todo, pois tira o homem do seu lugar no terreno político da ação, abandonando-o no mundo das coisas, massificando-o.

Segundo Arendt, o totalitarismo não se equiparava a nenhuma outra forma de dominação política já existente, pois, o totalitarismo além de subordinar a liberdade humana e a totalidade da vida privada, social e política, altera radicalmente o próprio conceito tradicional de lei, quando os criadores do regime, o compreendem como desenvolvimento da Natureza ou da História.

---

<sup>5</sup>SILVA, Douglas Andrade de. **Totalitarismo, Alteridade e Relações Internacionais**: contribuições para a análise da política internacional, 2011, p.11.. Disponível em:<http://www.repositorio.uniceub.br>. Acesso em 12 abril 2012.

<sup>6</sup> Idem, p. 12

## 2.1 O Totalitarismo

Em seu livro “Origens do Totalitarismo”, Arendt retratou sobre o terror que assolava a Alemanha e a União Soviética na época da guerra. E por ser judia, compreendia o totalitarismo como sendo uma forma de governo que isola o homem com intenção de quebrar as relações, principalmente as políticas. Por isso, sua principal característica é a solidão.

O objetivo desse tipo de sistema totalitário é eliminar os espaços que há entre as pessoas. Além disso, outro ponto destacado foi o capitalismo que deixou grande parte dos camponeses sem os seus pertences principalmente a terra e permaneceram somente com sua força de trabalho, o que justamente interessava a esse tipo de sistema.

O totalitário foi um sistema político que teve início com o advento da Primeira Guerra Mundial. Tal regime surgiu com o intuito de direcionar a produção industrial para suprir as necessidades da guerra.

Seu primeiro grande livro, *Origens do Totalitarismo*, foi publicado em 1951. Dividido em três partes; *Antissemitismo*, *Imperialismo* e *Totalitarismo*, o livro pretende explicar o fenômeno totalitário, abordado especialmente na terceira parte, como desdobramento histórico de condições inauguradas pelos dois fenômenos anteriores, do antissemitismo e do imperialismo europeu, neste livro a filósofa inicia uma profunda reflexão política a partir dos principais acontecimentos do século XX. [...].<sup>7</sup>

Em seus estudos acerca do totalitarismo, a filósofa, coloca que os pilares do mesmo são: o terror e a ideologia. Ambos se completam, já que a ideologia justifica o uso da violência contra as classes sociais, pois é por meio desta que o terror reproduz as condições sociais e políticas que, em concordância com a ideologia totalitária, transformam os supostos inimigos do regime em seres humanos degradados e perigosos, os quais precisam ser aniquilados. Dessa forma, a principal característica do totalitarismo foi a morte, principalmente através dos campos de concentração e a redução do homem ao nada.

---

<sup>7</sup>SILVA, José Alexandre da. **Hannah Arendt**. Revista Norte Ciência, vol.2,nº 2,p.73 82,2011.Disponível em:<http://webcache.google.com>.Acesso em 12 maio 2012.

O Estado totalitário é um fenômeno novo que não se confunde com nenhum despotismo ou tirania. A natureza antiutilitária em sua estrutura governamental pôs em xeque as categorias utilitárias do pensamento político ocidental e criou uma nova concepção de governo, porque a política totalitária destruiu o fundamento da teoria política e rompeu com toda essência de governo que se orienta entre aquilo que pode ser legal e o que pode ser ilegal, o poder arbitrário e o poder legítimo.<sup>8</sup>

Segundo Silva “com uma formação elitista, o partido totalitário arregimenta as massas e interfere em vários setores sociais, o que garante sua sustentação”<sup>9</sup>. Essa forte *penetração social*, mesmo que de forma arbitrária, funde partido e sociedade, eliminando a autonomia individual em nome de princípios e valores considerados superiores.

Percebe-se então que a ideologia oficial propagada é bem definida e onipresente, já que é ela que possibilita essa fusão, e quando os indivíduos que não se enquadram no projeto ideológico do regime são excluídos da vida em sociedade e perseguidos, sob a acusação de traidores. Isso porque a ideologia totalitária apresenta uma explicação do mundo que não aceita desacordos.

As potencialidades das ideologias se tornaram extremamente úteis para o governo totalitário. A ideologia é de caráter científico, sustenta seu imaginário teórico com atitude científica, com resultados de importância filosófica e tem a pretensão de ser uma filosofia científica. A palavra ideologia significa, literalmente, a lógica de uma ideia, e a história é o seu objeto de estudo, no qual se aplica a "ideia" aos resultados de um processo em constante mudança para se ter uma base lógica dos acontecimentos – pela possibilidade de mapear e revelar os mistérios de todo processo histórico, como os seus segredos passados, as suas complexidades e incertezas do futuro, num conjunto harmonioso de ideias lógicas.<sup>8</sup>

A ideologia do totalitarismo visava influenciar todos aqueles que fizessem parte da sociedade através da utilização de propagandas veiculada nos meios de comunicação utilizados na época, principalmente o rádio. Segundo Arendt<sup>10</sup>, por meio desse tipo de propaganda o totalitarismo podia se apresentar como “alargamento artificial das reuniões de massas”, racionalizando os fúteis sentimentos de empatia e de histórica. Segurança esta, que oferecia aos indivíduos isolados de uma sociedade.

<sup>8</sup> ARENDT Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1989, p. 514.

<sup>9</sup> SILVA, Douglas Andrade de. **Totalitarismo, Alteridade e Relações Internacionais**: contribuições para a análise da política internacional, 2010.

<sup>10</sup> ARENDT, Hannah. **O Sistema Totalitário**. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1978, p. 520.

O regime totalitário deu a uma parte dos homens a dignidade e os direitos decorrentes do reconhecimento de sua condição de homem e, na mesma medida, negaram a outra parte esse reconhecimento e, em conseqüência, qualquer dignidade ou direito. O nazismo, em sua monstruosa novidade, gerará o conceito, até então inédito, de “superfluidade”. Graças a ele, pessoas “supérfluas” e “sem mundo” (*worldless*) passarão a ter existência nesse mundo. Pessoas esta que, não tendo legalmente uma cidadania, não pertencendo a nenhum povo determinado, a nenhuma terra, a nenhuma pátria, se tornavam desprovidas do mais importante: de um lugar neste mundo, da condição e dignidade humanas e de todo e qualquer direito.<sup>11</sup>

Deste modo, o indivíduo se tornou um objeto para esse sistema, sendo então totalmente anulada a sua condição de homem. Não esquecendo que, aliado a isso, na época, houve acúmulo de poderes no Estado, para que as decisões de guerra fossem resolvidas com rapidez. Porém, o que era para durar somente no período da guerra, tornou-se a estrutura e metas do Estado. Para Stoppino “a ideologia totalitária dá uma explicação indiscutível do curso histórico, uma crítica radical da situação existente e uma orientação para a sua transformação também radical”.<sup>12</sup>

Essa ideologia influenciou também nos interesses de classe, valorizando a sociedade de consumo. Nesse contexto, houve descaso pela coisa pública, onde cada um passou a valorizar e defender seus próprios interesses.

O interesse não era mais defender o bem comum, mas sim o de consumir cada vez mais e esse desejo era coletivo, formando assim, uma estrutura onde a sociedade acabava, gerando assim, a sociedade de massa.

## 2.2 A Sociedade de Massas

Com o totalitarismo, a chegada do século XX, foi marcada pelo crescimento dos meios de comunicação, que a partir da veiculação da ideologia capitalista, fez com que surgisse a sociedade de massas.

---

<sup>11</sup> FRANCISCO, Maria de Fátima Simões. **Preservar e Renovar o Mundo**. Rev. Sujeito e Cultura, vol.6, 1996, p. 28.

<sup>12</sup> STOPPINO, Mario. **Totalitarismo**. In: BOBBIO, Norberto et al. Dicionário de Política. V.2 .13. Ed. Brasília: UNB, 2007, p. 1257

Na visão de Arendt esse foi o maior choque do século XX, onde o homem foi reduzido e moldado pelas ideologias totalitárias e transformou-se em um ser supérfluo e descartável.

Na sociedade de massas, percebe-se um crescimento desenfreado da necessidade de consumir, quanto mais, melhor. Nessa não há diferenciação entre homens, os indivíduos viraram uma sociedade homogênea, contudo sem interesses comuns, sem pensamento crítico, político. Na sociedade de massas, os indivíduos não buscam um ideal, como dizia Arendt, não possuem um mundo. Portanto, a principal característica desta sociedade são os homens sem consciência de preservação da vida na Terra.

Essa indiferença e apatia política podem ser vistas como uma depravação da condição humana, pois faz com que o homem abdique de suas capacidades mais sublimes, tais como a livre iniciativa e a ação conjunta. Uma vez que, devido a sua recusa em participar da esfera pública, esse homem massificadamente preso a clichês e frases prontas – que têm como objetivo funcionar como uma espécie de cinturão que impede a realidade de ser “real” –, não toma em suas mãos a iniciativa de criar o novo, deixando que sua vida siga as linhas de um determinismo inexorável, seja da natureza ou da história.<sup>13</sup>

Com o colapso do sistema de classes e o surgimento da sociedade de consumo criou uma aversão a vida pública, principalmente na burguesia, que não se sentiam constrangidos com tais declamações de estilo. E isso fortaleceu o totalitarismo, o isolamento e a sociedade de massas.

Um grande exemplo dado por Arendt é esta classe chamada burguesia. “O burgês isolado de sua classe social, que se preocupa fundamentalmente com seu bem estar e de sua família e que nessa perspectiva, faz qualquer coisa para manter sua segurança e tranquilidade.”<sup>14</sup>

Outra característica marcante da sociedade de massa é a exibição da intimidade e o pouco uso das palavras no dia-a-dia. A comunicação nesse contexto ficou restrita. Atualmente os fatos são julgados pelo que se vê, o que é

---

<sup>13</sup>PASSOS, Fábio Abreu dos. **Uma análise da Sociedade de Massa a partir da perspectiva de Hannah Arendt**, 2010, p. 07. Disponível em: <http://www.iptan.edu.br>. Acesso em 09 maio 2012.

<sup>14</sup>ARENDR, Hannah. **A Dignidade da Política**: ensaios e conferências. Trad. Helena Martins e outros. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998, p.388.

um dado perigoso, porque o homem sempre estará no mundo das incertezas, como afirmava Arendt.

Dessa forma, atua de maneira conjunta, ou seja, não há um objeto que faça com que os que dela participam abram mão de seus desejos e busquem todos um só ideal. A partir disso, percebe-se então que a sociedade de massas apresenta a falta de consciência política e principalmente da necessidade de se preservar o mundo.

Para Bobbio; Matteucci; Pasquino<sup>15</sup> a sociedade de massa já surge numa época em que já ocorreu o processo de modernização no interior das sociedades, no que se refere principalmente ao desenvolvimento econômico, a produção de bens de massa e o surgir de um setor terciário cada vez mais imponente. Assim sendo, os produtos da indústria cultural, nas palavras de Arendt se apresentam como:

[...] Bens de consumo, destinados a se consumirem no uso, exatamente como quaisquer outros bens de consumo. Panis ET circenses [pão e circo] realmente pertencem a uma mesma categoria; ambos são necessários à vida para sua preservação e recuperação e ambos desaparecem no decurso do processo vital, isto é, ambos devem ser constantemente produzidos e proporcionados para que esse processo não cesse de todo.<sup>16</sup>

De acordo com Souki “sendo resultado do processo de modernização, a sociedade de massa para Arendt, é um fenômeno recente, que pressupõe um progressivo envolvimento social, político e cultural.”<sup>17</sup>. Por isso, as massas se constituem das multidões, que são representadas pelo desarraigamento e inaptidão para julgar esse homem. Segundo Passos:

É esse indivíduo massificado que será o “princípio e o fim” do totalitarismo, pois é a partir dele que se abrem as possibilidades de um regime de governo nunca antes experienciado. É para garantir o domínio total que se deve procurar “aperfeiçoar”. O Homem da massa, fazendo com que ele, cada vez mais se transforme em um ser coeso e de atitudes previsíveis. Assim, as massas serão a força que irá alimentar a máquina totalitária para

<sup>15</sup>BOBBIO, N. MATTEUCCI, N, PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. Trad. de Carmem C. Varriale, Gaetano Lo Mônaco, João Ferreira, Luiz Guerreiro Pinto Caçais e Renzo Dini. 5ª Edição. Vol II. Editora. Unb. 1983.

<sup>16</sup>. ARENDT, Hannah **Entre o Passado e o Futuro**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2001

<sup>17</sup> SOUKI, Nádía. **Hannah Arendt e a Banalidade do Mal**. Belo Horizonte, Editora UFMG,2006

<sup>18</sup>Idem,p.16.

alcançar seu objetivo de dominação e transformação total da raça humana.<sup>18</sup>

E como arma para que esse ideal se consolidasse, o regime político levou-o ao consumo e conseqüentemente o fez vender sua força de trabalho. Dentro do atual sistema, o homem da sociedade de massa deve trabalhar para suprir suas necessidades de consumo, mesmo que nisso, percam suas energias, ou seja, humilhados. Na sociedade de massa, o homem, inseri-se numa nova condição que se caracteriza pela construção de um mundo artificial que é originada da atividade do trabalho e do desejo de sobrevivência do homem.

### 2.3 Sociedade de Massas e Trabalho

Em seu livro “A Condição Humana”, Arendt, fala sobre três atividades humanas, o *labor*, obra e ação, tendo destaque o *labor* que na era moderna foi colocada como a mais importante que qualquer outra. Nesse sentido Arendt fala do triunfo do animal laborans.

Eduardo Jardim<sup>19</sup> ao falar do livro “A condição humana”, ressalta as mudanças ocorridas no homem na sociedade moderna e uma dessas mudanças é o desapego do homem da sua morada terrena, pelo desenvolvimento da engenharia genética, que promete dotar de artificialidade a vida humana, e pela automação, que anuncia a abolição do trabalho.

Já Thiago Rodrigues Braga<sup>20</sup> descreve os escritos do livro como “as formas de vida que o homem impõe a si mesmo”, em que existência “são condições que tendem a suprir a existência do indivíduo”. Nesse sentido todos os homens são condicionados, até mesmo aqueles que condicionam o comportamento de outros se tornam condicionados pelo próprio movimento de

<sup>18</sup>PASSOS, Fábio Abreu dos. **Uma análise da Sociedade de Massa a partir da perspectiva de Hannah Arendt**, 2012, p. 08. Disponível em: <http://www.iptan.edu.br>. Acesso em 09 maio 2012.

<sup>19</sup>JARDIM, Eduardo. **Homo faber: o animal que tem mãos**, na visão de Hannah Arendt, 2003. Disponível em <http://www.semináriosmv.org.br>. Acesso em 10 março 2012.

<sup>20</sup>BRAGA, Thiago Rodrigues. **A Condição Humana de Hannah Arendt**, 2010. Disponível em: <http://www.mundodosfilosofos.com.br>. Acesso em 12 abril 2012.

condicionar. Percebe-se então que a obra é voltada para o artificialismo da existência humana.

Para Jardim<sup>21</sup>, no século XVII, a visão depreciativa do fazer cedeu lugar à consagração da figura do *homo faber*. Esse período operou uma radical inversão: deu-se a desvalorização do modo de vida meditativo e elevou-se à posição superior a atividade produtiva com suas virtudes – a produtividade, a capacidade de planejar, a habilidade técnica.

O livro de Arendt, *A condição humana*, reúne as duas principais direções de investigação da filosofia contemporânea sobre o fazer. De um lado, essa atividade é tema de uma fenomenologia da vida ativa do homem, que abrange, ainda, outras duas: o trabalho (*labor*) e a ação (*action*). De outro, essa fenomenologia constitui a referência para uma pesquisa de caráter histórico, na qual são examinadas as alterações nas atividades humanas e a posição delas entre si, ao longo da Era Moderna até o presente.<sup>22</sup>

Arendt<sup>23</sup>, afirma que o labor surge da necessidade e concomitante futilidade do processo biológico. Porque é a atividade que os homens compartilham com os animais, qualifica-a como a do *animal laborans*. O *labor* é inerente ao homem e a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujo crescimento espontâneo, metabolismo e eventual declínio têm a ver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas pelo labor no processo da vida.

O trabalho (*labor*) é a atividade responsável pela reprodução da vida humana em seu aspecto biológico. Como *animal laborans*, o homem chega a se confundir com os outros animais. A atividade reprodutiva e a confecção de alimentos e de bens que são consumidos imediatamente e que servem para nos manter vivos fazem parte da esfera do trabalho. Nada de durável resulta dessa atividade. O trabalho não assegura a permanência do mundo. O resultado da atividade do trabalho são os bens de consumo. O trabalho é repetitivo e interminável.<sup>24</sup>

Essa era uma das preocupações de Arendt, pois a partir disso, o homem perdia a capacidade de exercer a atividade política. Arendt vê nesse

<sup>21</sup> JARDIM, Eduardo. op. cit., p.99.

<sup>22</sup> Idem, p. 106.

<sup>23</sup> ARENDT, Hannah. **Entre amigos**. A correspondência de Hannah Arendt e Mary McCarthy 1949-1975, Nova York, 1995. Trad. Sieni Campos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

<sup>24</sup> JARDIM, Eduardo. op. cit., p. 108.

período um pessimismo, já que segundo a filósofa, a sociedade de massa, marca a quebra da tradição. Entre os teóricos que a autora cita, destaca-se: Karl Heinrich Marx e Friedrich W. Nietzsche.

Na visão de Marx, “o trabalho cria o homem”, completando o pensamento do teórico, Arendt, afirma que o homem é um animal voltado para o *labor* e não para a razão. Já para Nietzsche, a sociedade moderna transformou os valores criados pela tradição em instituição de troca. A cultura nesse contexto é utilizada pela sociedade como mercadoria, onde a mesma é consumida não mais como uma forma de conhecimento, mas sim de diversão, ocorrendo assim, a desvalorização de valores já existentes na sociedade. Esse novo homem agora além de dinheiro que é adquirido com o trabalho, também tem no lazer uma forma de cultura.

Silvio Medeiros, afirma que:

“Uma vez liberados do trabalho físico extenuante para garantir a própria sobrevivência, todos os indivíduos privados daquele “espírito vivificador” – oriundo do cultivo da cultura - foram, na sociedade de massa, contemplados com lazer abundantes para se dedicar a cultura.”<sup>25</sup>

Dessa forma, à medida que o sistema de produção coloniza todos os setores da vida, o dominado perde seu tempo com lazeres, com diversões e férias organizadas. Em nenhum momento de seu cotidiano, ele foge da influência do sistema que faz parte de cada instante de sua vida. É um escravo em tempo integral.

Tanto ação, *labor* e trabalho estão relacionados com o conceito de “Vita Activa”. Para os antigos, a “*Vita Activa*” é ocupação, inquietude, desassossego. O homem, no sentido dado pelos gregos antigos, só é capaz de tornar-se homem quando se distancia da “vida activa” e se aproxima da vida reflexiva, contemplativa. É justamente nessa visão de mundo grega que os escravos não são considerados homens. O escravo ao ocupar a maior parte de seu tempo em tarefas que visam somente à sobrevivência de si e de outros, é destituído do conceito grego de homem, mas por outro lado ele não deixa de ser humano.<sup>26</sup>

<sup>25</sup>MEDEIROS, Silvio. **Cultura, arte, política e sociedade de massa em Hannah Arendt**. 2005, p. 23 Disponível em; <http://www.recantodasletras.com.br>. Acesso em 12 maio 2012, p. 05.

<sup>26</sup>BRAGA, Thiago Rodrigues. **A Condição Humana de Hannah Arendt**. Disponível em: <http://www.mundodosfilosofos.com.br>. p. 22. Acesso em 12 abril 2012.

É hipocrisia social negar ao ser humano o direito de divertimento, mas os critérios e as fórmulas que regem a indústria do lazer são diferentes dos que norteiam a cultura. Atualmente existe uma sociedade sedenta de novos lazeres a se apoderar da cultura para adaptar a indústria do lazer. O que não significa que a cultura se dissemina pelas massas, mas sim que a cultura pode-se anular quando procura servir o lazer.

Pode-se caracterizar o trabalho como sendo algo não somente político, mas também biológico, pois estar ligado as necessidades vitais. Entretanto, seu resultado não permanece durante toda a vida, já que desaparece quando o homem volta-se para o consumismo.

Na visão de Eduardo Jardim:

É verdade que os filósofos antigos não tinham apreço especial pelas atividades produtivas, pois elas tomavam tempo e exigiam um esforço que poderia ser dedicado à atitude muito mais nobre da contemplação da verdade. Mesmo para o cidadão ateniense daquela época, a atividade do artista não era tida em alta conta. A participação na vida política, em que os homens livres, do sexo masculino, se sentiam felizes e realizados, era muito mais valorizada do que a atividade artística ou produtiva.<sup>27</sup>

Magalhães<sup>28</sup> afirma que o trabalho e a obra (ou fabricação) não conseguem abrir um espaço para a pluralidade humana. Arendt insiste ao longo de todo seu livro no fato de que esta distinção entre trabalho e obra foi eliminada ou em grande parte ignorada na era moderna. Todo o seu esforço consiste em resgatar esta distinção (distinção que correspondia na antiguidade, à distinção entre o trabalho não produtivo do escravo e a atividade produtiva do artesão) e em explicitar as implicações que decorrem de sua não distinção na era moderna.

O sistema dominante fez do trabalho seu principal valor. E os escravos devem trabalhar mais e mais para pagar a crédito sua vida miserável. Eles estão esgotados de tanto trabalhar, perdem a maior parte de sua energia e têm que suportar as piores humilhações. Passam toda sua vida realizando uma atividade extenuante e insidiosa que é proveitosa apenas para alguns<sup>29</sup>

<sup>27</sup>JARDIM, Eduardo. Op. cit., p. 104.

<sup>28</sup>MAGALHÃES, Teresa Calvet de. **A atividade humana do trabalho [labor] em Hannah Arendt.** Disponível em: <http://www.ufjt.br/eticaefilosofia>. Acesso em 09 maio 2012.

<sup>29</sup>BRIENT, Jean François. **Da Servidão Moderna.** 2002, p.08. Disponível em: <http://sservitudemoderne.org>. Acesso em 12 maio 2012

Na atual sociedade, o trabalho do homem, torna-se para ele uma escravidão, pois no labor, o homem não tem tempo para uma vida contemplativa, para a beleza, para a cultura no sentido de cultivo de si mesmo.

Mas, em que consiste a cultura para Arendt? Como se caracteriza a crise da cultura?

### 3 CULTURA E SOCIEDADE DE MASSAS: a crise da cultura

Em seu texto “A Crise da Cultura”, Arendt mostra o conflito que há entre cultura e sociedade. Nele, a filósofa deixa claro que a arte moderna surgiu de uma revolta, manifesta pelo artista, contra o campo social. Isso mostra que cultura e sociedade não andam juntas, até porque para o artista, a cultura serve como mola propulsora da ascensão social, já que a cultura também é um fenômeno do mundo sempre presente na vida do homem.

Arendt afirma também que, na sociedade de massa, o artista é o único ser verdadeiro, porém, a atual sociedade o faz um homem sem identidade. Com o surgimento da sociedade de massa, a cultura, ou seja, a apreciação da arte foi substituída pela valorização das coisas que tinham um valor material sobre a arte. Na atualidade, a cultura tem apenas a função de satisfazer algumas necessidades da cultura de massa.

Os termos cultura de massas e sociedade de massas têm sido utilizados com um sentido fortemente pejorativos, como uma forma depravada da sociedade, designando uma espécie de Kitsch<sup>30</sup>, sendo na sociedade atual algo de extrema valia. A América, berço das sociedades de massas, devido ao desenvolvimento crescente do capitalismo, é culturalmente dominada pelo filisteísmo<sup>31</sup> cultural cultivado pelos novos ricos. Na Europa, a cultura sempre foi mais associada a uma posição social e a um tipo de snobismo cultivado pelas elites, derivado do seu passado histórico.

Percebe-se que atualmente a sociedade passa por crise em todos os aspectos que envolvem o homem, inclusive a cultura e que, nos escritos de Arendt, tais fatos retratam as consequências do fenômeno totalitário que deixou uma lacuna entre o passado e o futuro. Na sociedade atual, não há mais espaço para a tradição.

Na visão de Cacilda Bonfim:

---

<sup>30</sup> Um termo de origem alemã de significado e aplicação controversos. Usualmente é empregado nos estudos de estética para designar uma categoria de objetos vulgares, baratos, de mau gosto, sentimentais, que copiam referências da cultura erudita sem critério e sem atingirem o nível de qualidade de seus modelos, e que se destinam ao consumo de massa.

<sup>31</sup> Pessoa agigantada, brutamontes, por semelhança com o gigante Golias, que era o chefe dos filisteus.

[...] a tradição que, de modo geral, é composta pela herança cultural do Ocidente e, filosoficamente, apresenta-se como recurso para o conhecimento da verdade mostrou-se esfacelada frente ao totalitarismo, ou seja, a este evento sem precedentes históricos que explicitava não ser mais possível compreender os acontecimentos do presente tendo como base, unicamente, as explicações teóricas do passado.<sup>32</sup>

Arendt, afirma que o esfacelamento da tradição, teve contribuição dos pensamentos de autores como: Kierkegaard, Marx e Nietzsche. Os três contribuíram de maneira significativa para a quebra da tradição. O primeiro, em seus escritos opõe-se ao conceito tradicional do homem como ser racional. Já em Marx, o homem não se define ser racional, mas sim como o *animal laborans* e Nietzsche foi contra os valores elaborados pela tradição e depois os transformou em valores de troca.

"Kierkegaard, Marx e Nietzsche são para nós como marcos indicativos de um passado que perdeu sua autoridade. Foram eles os primeiros a ousar pensar sem a orientação de nenhuma autoridade, de qualquer espécie que fosse; não obstante, bem ou mal, foram ainda influenciados pelo quadro de referência categórico da grande tradição. Em alguns aspectos estamos em melhor posição. Não mais precisamos nos preocupar com seu repúdio aos "filisteus educados", os quais, durante todo o século XIX, procuraram compensar a perda da autoridade autêntica com uma glorificação espúria da cultura (Entre o passado e o futuro).<sup>33</sup>

O modelo de cultura que se perpetuou na sociedade no século XX, com o advento do Totalitarismo, pode ser comparado com o advento dessa nova realidade, o homem modificou seu comportamento e se alienou. Tal situação para o homem torna-se deplorável, mas nele está a grande oportunidade de olhar sobre o passado com os olhos desobstruídos de toda tradição. Dessa forma, destaca-se a maneira banal em apreciar a cultura.

Para Arendt; "os objetos culturais passaram a ser tratados como quaisquer outros valores" e com isso, tornaram-se "aquilo que os valores sempre foram, valores de troca, e, ao passar de mão em mão, se desgastaram como moedas velhas".<sup>34</sup>

<sup>32</sup>BONFIM, Cacilda. **Hannah Arendt: o social e o político na crise da cultura**, 2010, p. 02. Disponível em:<http://UnB.revistaintercambio.net.br>. Acesso em 12 abril 2012.

<sup>33</sup> MORAES, Eduardo Jardim; MURICY, Katia. **Hannah Arendt e a compreensão de nossa época**. 3ª edição. São Paulo: Jorge Zahar, 1986, p. 220.

<sup>34</sup> ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001b, p. 256.

Nesse contexto, a cultura torna-se uma arma, o que antes era algo imortal ou permanente, para ser apreciado, atualmente cede lugar ao critério de utilidade que oculta o uso da arte para o alcance de determinados fins.

A grande questão para Arendt é que os produtos de entretenimento sempre são produzidos pela indústria e se renovam a cada época o que faz com que cresça seu consumo na sociedade. E isso, dentro desse contexto, tornou-se cultura. Vale ressaltar que esse tipo de pensamento não se restringe somente aos tempos atuais, mas datam desde a Grécia antiga, quando os gregos apresentavam desprezo em relação às pessoas que lidavam com a arte e também aos artesãos. Para eles, os objetos feitos por essas pessoas não tinham valor porque, segundo eles, não tinham utilidade.

Bonfim<sup>35</sup> explica que toda forma de fabricação possui em si mesma critérios utilitaristas e que a produção artística, não participa da esfera política. Na visão do homem grego a política, vale mais que a arte, principalmente porque usa a fala. Surge daí certa relação conflituosa entre política e arte cuja superação só pode ocorrer através do resgate da significação original de cultura e humanismo.

Dessa forma, arte e política na sociedade contemporânea entram em conflito, porém dentro da cultura ambas são dependentes por pertencerem ao mundo público.

Na visão de Arendt, a cultura é mediadora do conflito entre a arte e a política por estabelecer como ideia um mundo de aparências.

Uma vez que o ser da obra de arte e dos objetos culturais é seu próprio aparecer para espectadores desinteressados de atingir qualquer outro objetivo que não a fruição da arte em si mesma, há que se considerar a beleza como critério válido das aparências, pois: “[...] se quiséssemos julgar objetos, ainda que de uso ordinário, unicamente por seu valor de uso e não também por sua aparência – isto é, por serem belos, feios ou algo intermediário – teríamos que arrancar fora os nossos olhos”.<sup>36</sup>

Segundo a filósofa alemã, para sentir a verdadeira beleza da arte é necessário não apenas visualizá-la, mas senti-la com o coração, entender o que a obra está querendo transmitir e não vislumbrar somente o estético ou o que está

---

<sup>35</sup>BONFIM, Cacilda. **Hannah Arendt: o social e o político na crise da cultura**, 2010. Disponível em: <http://UnB.revistaintercomunicacao.net.br>. Acesso em 12 abril 2012.

<sup>36</sup>ARENDR, Hannah. **A Condição Humana**. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001b, p. 263.

de acordo com suas necessidades, mas sim ver como “algo” que será benéfico ao mundo.

Ainda em Arendt<sup>37</sup> “a capacidade para julgar é uma faculdade especificamente política [...], pois, é a faculdade de ver as coisas não apenas do próprio ponto de vista, mas na perspectiva de todos aqueles que por ventura estejam presentes”.

Assim, é no ser humano que se manifesta o desejo de saber preservar, admirar e cuidar das coisas do mundo, tanto em seu aspecto social quanto político, pois somente assim, o homem estaria acima de qualquer conflito e livre para exercitar inteiramente o gosto, principalmente pela arte.

### 3.1 O Fim da Arte

A arte é forma cultural de salvar o mundo, mostrando os valores que a indústria cultural faz questão de apagar as pegadas da história humana nas areias do tempo, fazendo oscilar entre a beleza e seu valor efêmero.

D’Fonseca<sup>38</sup> afirma que a arte não é somente algo de permanente em um mundo de homens mortais e de objetos mais ou menos extinguíveis, mas sim, objeto capaz de possibilitar aos homens saberem o que é a permanência, representarem para si a duração: a durabilidade das obras de arte.

Ele ainda nos lembra que, para Hannah Arendt a arte por ser superior àquela necessária à existência de todas as coisas, alcança a permanência e, nesta permanência, é a própria faculdade humana de conferir estabilidade ao mundo que “adquire com a obra de arte representação própria”. Segundo Arendt:

É como se a estabilidade humana transparecesse na permanência da arte, de sorte que certo pressentimento de imortalidade – não a imortalidade da alma ou da vida, mas de algo imortal feito por mãos mortais – adquire presença tangível para fulgurar e ser visto soar e ser escutado, escrever e ser lido.<sup>39</sup>

<sup>37</sup> **A Condição Humana**. op. cit., p. 275.

<sup>38</sup> D’ FONSECA, Vanessa de Cunha Prado. **Coisas – Pensamento, da Mundaneidade da Arte em Hannah Arendt**, 2007.

<sup>39</sup> ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

Para Arendt, a arte juntamente com outros objetos faz o mundo. Esse mundo que, para Arendt, não é algo que corresponde a natureza, mas que é um espaço entre homens. É um espaço, antes de tudo, que se interpõe; é algo “comum a muitos, que está entre os homens, separando-os e unindo-os”<sup>40</sup>.

Arendt responsabiliza principalmente o filisteu educado como representante máximo por distinguir a arte e a realidade, pois é necessário saber que quando a cultura está em decadência e passa a produzir entretenimento, ocorre a ascensão da cultura de massa. Dessa forma, o perigo maior para esta decadência cultural, diz respeito ao consumo da cultura em forma de entretenimento pela sociedade de massa.

Neste caso, a filósofa defende a tese de que a cultura é sempre ameaçada quando todos os objetos e as coisas seculares- produzidos tanto pelo presente quanto pelo passado, são esquecidas. Arendt não tem uma teoria da educação ou uma teoria da cultura. Mas poder-se-ia articular cultura e educação em Hannah Arendt?

A quebra da cultura pode acontecer de duas maneiras, ou ocorre com pensamentos que levam a rupturas levando o progresso da tradição a favor da modernidade ou através do declínio da tradição sem que ocorram grandes evoluções. Assim, em Arendt, o homem tem como função o ser e pensar com responsabilidade, daí a responsabilidade dos adultos em relação às novas gerações que surgem como também com o mundo em que nele existe.

---

<sup>40</sup> Idem.

#### 4 CULTURA E EDUCAÇÃO EM HANNAH ARENDT: uma articulação

Em seu texto sobre a cultura, Arendt afirma que a palavra é um conceito de origem romana. A palavra “cultura” origina-se de um termo que também dará origem a palavra “cultivar”, no sentido de habitar, tomar conta, criar e preservar; “relaciona-se essencialmente com o trato do homem com a natureza, no sentido da preservação da natureza até que ela se torne adequada à habitação humana”.<sup>41</sup>

A cultura é o produto final das atividades do homem e da forma como o mesmo vê o mundo ao longo de seu processo histórico. Isso porque, além de receber a herança cultural de seus antepassados com suas ações, acaba criando e transformando alguns elementos, ou seja, a cultura sempre se renova.

A palavra cultura derivada do verbo “colere”, a palavra cultura dá a ideia de cuidar da terra, para que possa ser “semeado a boa semente”, para que produza mais e melhor. Com a evolução do homem, o termo “colere” ganhou outros significados. Às vezes significava habitar e outras vezes venerar e honrar.

Depois, com Cícero, o verbo “colere” teve o significado de aprimoramento do espírito. Nessa ideia, o verbo vem acompanhado do termo “animus”, ou seja, cultura *animi*. Segundo Cícero, percebe-se a educação no que se refere ao aprimoramento do espírito, sobre o pensar como amar as coisas belas como na Filosofia e como essa atividade do pensar está presente na vida do ser humano.

O humanismo é, para Arendt, o que não está especializado, e precisamente ele é o que exercita uma faculdade do juízo “e gosto que está além das coeções que cada especialidade impõe.”<sup>42</sup>

A cultura *animi*, refere-se a ação das pessoas sobre si própria enquanto indivíduos formadores da sociedade e na busca da realização plena de suas capacidades. Sendo assim, a cultura *animi*, busca a valorização para a preservação do mundo, e que contribui significativamente também para a vida.

<sup>41</sup> **Eichmman em Jerusalém:** um relato sobre a banalidade do mal. op. cit. , p. 265.

<sup>42</sup> BÁRCENA, Fernando. **Cultura animi** - uma pedagogia del mundo. In: Hannah Arendt uma filosofia de la natalidade. Barcelona: Herder, 2006, p. 222.

Nossa sociedade pensa a cultura e a educação como antípodas desta pedagogia do mundo arendtiano. Seu fim é instruir profissionais ou trabalhadores, porém não educar mentes. Arendt aposta por uma cultura animi, por uma mente cultivada, por uma aliança tal entre cultura e política para que o importante seja o juízo e a decisão, o livre intercâmbio de opiniões sobre a esfera pública e o mundo.<sup>43</sup>

A partir dessa cultura, o homem busca a sua dignidade e a exterioriza a partir do amor generoso e desinteressado pelas coisas. E junto à educação essa cultura não somente instrui o homem, mas também o educa em sua totalidade.

Arendt não foi uma filósofa da educação, mas tratou do tema em seu ensaio “A crise na educação” e que pode ser tratado como uma reflexão sobre o que torna o homem humano, partindo de uma filosofia política. Segundo Almeida, “a autora, não anuncia nenhuma proposta, mas denuncia a barbárie em nome de um “mundo decente” – apenas decente.”<sup>44</sup>.

A educação vem ser a articulação entre o homem e o mundo, já que a mesma iniciará em conhecimentos que o fará se manifestar no mundo.

Educar é, sobretudo, iniciar os alunos na linguagem pública. [...]. Ser um iniciado nessa gramática e conhecer os vocábulos é poder se manifestar no mundo e participar dos assuntos comuns. [...] Nessa ótica, compreende-se que a singularidade de cada criança não é anulada, mas pode se “qualificar” com bases nos valores que o mundo compartilha e que o professor lhe transmite. [...].<sup>45</sup>

Dessa forma, cabe ao educador mostrar as gerações que estão chegando não somente o mundo moderno, mas também as experiências das gerações passadas aos quais eram vividas. Entretanto, um grande problema enfretado pela educação é a quebra de tradição.

Um grande erro cometido no setor educacional é quando essa atividade ao invés de mostrar o mundo como ele realmente é, protege a criança do mundo. Para Arendt o instrumento da educação que é o educador deve realizar a mediação

<sup>43</sup> BÁRCENA, Fernando. **Cultura animi- uma pedagogia del mundo**. In: Hannah Arendt uma filosofia de la natalidade. Barcelona: Herder, 2006, p. 222.

<sup>44</sup> ALMEIDA, Vanessa Sievers de. **Educação, Histórias e Sentido em Hannah Arendt**, 2001, p. 82. Disponível em; <http://www.anped.org.br>. Acesso em 09 maio 2012.

<sup>45</sup> Idem, p. 122.

entre a criança que está chegando e o mundo que existe, ou seja, uma mediação entre o novo e o velho, sempre dando ênfase ao passado.

O amor *mundi* constitui a resposta de Arendt frente a destruição do mundo. Isso não é uma solução pragmática, mas também não é uma fuga romântica, nem um fechar de olhos diante dos fatos [...]. Esse amor pode se referir a gratidão por aquilo que nos é dado e que é anterior a nós, como também pode nos levar a dar uma contribuição no mundo e para ele. A educação envolve as duas faces do amor *mundi*.<sup>46</sup>

Conhecer o passado é imprescindível para qualquer ser humano. A volta ao passado pode ajudar para que a educação tenha uma qualidade diferente. Para Peters; “se as coisas só devem ser feitas enquanto possam ser vista pela criança como ligadas aquilo que ela quer, então esta valorização de querer é falsa, pois que há muito pouca coisa a que ela possa se opor, auxilia na educação”<sup>47</sup>.

Dessa forma, o educador deve dar valor à autoridade e à tradição para mostrar as crianças o mundo novo em que eles estão chegando. É nesse momento que a autoridade se faz presente e o adulto assume a responsabilidade pelo rumo dos acontecimentos mesmo querendo que as coisas pudessem ocorrer de maneira diferente. Ter autoridade é assumir essa responsabilidade por esse velho mundo.

E por precisar ser protegida do mundo que a família se torna o local tradicional e seguro para a criança. Também a escola deve introduzir os novos no mundo, como uma instituição que medeia o mundo público e o mundo particular, que faz a transição entre essas duas esferas. E já que a criança não tem a devida familiaridade com o mundo, deve-se introduzi-la aos poucos. O educador é um representante do mundo e também é responsável por ele. Tal responsabilidade não é imposta a bel prazer, mas está implícita no fato de que os jovens são introduzidos por adultos num mundo em constante mudança. “Qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e é preciso proibi-la de tomar parte em sua educação”.<sup>48</sup>

A preocupação com a perda da “tradição”, definida como “o fio que nos guia com segurança através dos vastos domínios do passado”, foi o que levou

<sup>46</sup> ALMEIDA, Vanessa Sievers de. op. cit., 2011, p.81-89.

<sup>47</sup> PETERS, R. S. Educação como iniciação. In: ARCHAMBAULT, R. D. (Org.) **Educação e análise filosófica**. Tradução de Carlos Eduardo Guimarães, Maria da Conceição Guimarães. São Paulo: Saraiva, 1979, p. 125.

<sup>48</sup> **Entre o passado e o futuro.**

Arendt a tratar sobre educação, na relação entre crianças e adultos não pode, segundo ela, ficar restrita “à ciência específica da pedagogia”, já que se trata de “preservar o patrimônio global da humanidade”<sup>49</sup>. Ou seja, o problema educacional não é referente à pedagogia e sim aos problemas políticos.

Segundo Arendt; “na educação moderna o professor é alguém que pode simplesmente ensinar qualquer coisa; sua formação é no ensino, e não no domínio de qualquer assunto particular”. E prossegue; “como o professor não precisa conhecer sua própria matéria, não raro acontece encontrar-se apenas um passo à frente de sua classe em conhecimento.”<sup>50</sup>. Sendo assim, a educação se renova constantemente e essa renovação se dá através do nascimento das novas gerações.

Essa nova geração requer dos pais cuidado e atenção, entretanto, não é somente eles que precisam, mas também o mundo, para que não seja “lançado à derrota” ou destruído pelo assédio do novo que irrompe sobre ele a cada nova geração. O que atualmente se tem feito é educar a criança, como se o mundo se desgastasse aos poucos e junto com ele a tradição em benefício daquilo do novo. Entretanto, a educação precisa ser conservadora; deve, pois, introduzir o novo em um mundo velho, que, por mais revolucionário que possa ser em suas ações, é sempre, do ponto de vista da geração seguinte, obsoleto e frente à destruição. Neste caso; “não se visa apenas transmitir informações sobre o mundo, mas apresentá-lo de uma forma que o aluno passe a identificar-se com sua herança. Ao reconhecer nela, ele pode desenvolver e mostrar sua própria identidade.”<sup>51</sup>

Cabe à escola ensinar as crianças de acordo com a realidade, e não só ensiná-las apenas a viver. E mesmo que a criança mude constantemente no que se refere a fatores psicológicos e sociais, assim como de lugar para lugar, a educação deve ser para esta previsível.

De acordo com Arendt<sup>52</sup> a educação, é também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo ou abandoná-las aos seus próprios recursos. Não se deve arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova que, para nós possivelmente

---

<sup>49</sup>FERRARI, Márcio. **Hannah Arendt, a voz de apoio a autoridade do professor**. Revista Nova Escola, 2011, out 2008.

<sup>50</sup>ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1989, p. 231.

<sup>51</sup> ALMEIDA, Vanessa Sievers de. op. cit., p.112.

<sup>52</sup> **Entre o passado e o futuro**, op. cit.: , p. 245-247

seria imprevista. Deve-se prepará-las com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum: o mundo dos adultos, criando um hábito gradualmente adquirido de trabalhar conscientemente a existência. No entanto, esclarece Almeida sobre a importância da escola para essa educação segundo Arendt; “não é de modo algum o mundo como o todo e não deve fingir-se sê-lo”<sup>53</sup>; ela deve ser, em vez disso, a instituição que inserimos entre o domínio privado do lar e o mundo externo que o completa.

---

<sup>53</sup>ALMEIDA, Vanessa Sievers de. **Educação, Histórias e Sentido em Hannah Arendt**. Disponível em: <http://www.anped.org.br>. Acesso em 09 maio 2012.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos destacar o pensamento acerca do tema “cultura entre o cuidado com o mundo e a sociedade de massas”, como uma reflexão arendtiana que se mantém até hoje atual e também original. Preocupada em mostrar as transformações que ocorreram na sociedade, a filósofa não procura estabelecer conceitos incondicionais, mas dá margem à criação de novos conceitos que estão sempre em desenvolvimento, conduzindo o leitor a fazer uma ampla reflexão filosófica.

Portanto, a reflexão filosófica citada por Arendt se dá acerca das transformações ocorridas na sociedade moderna, no século XX. Isso para Arendt é um dos grandes desafios que se apresenta ao homem contemporâneo, já que na atualidade, a política não acontece de maneira coletiva, como acontecia na Grécia. Para a filósofa, a *polis* grega era um espaço onde as pessoas podiam manifestar suas opiniões e mesmo que houvesse divergências, o que prevalecia era o respeito à ideia do outro.

Na visão de Arendt o pensamento é extremamente essencial à existência do homem. Dessa forma, a mudança que ocorre na estrutura da sociedade e na vivência do homem, que passou a viver uma cultura de massa, onde o mesmo é reduzido apenas a seres fúteis e manipulados através das propagandas que veiculam ideologias da classe dominante.

Mudou-se completamente o sentido da cultura, o que antes era visto como meio de adquirir conhecimento, hoje, é apenas um objeto que pode ser comprado e/ou um lazer que pode ser usufruído pelo *homo laborans*.

Para Francisco<sup>54</sup>, na atualidade, o debate perdeu completamente o sentido e a ação política, resumiu-se apenas no momento em que as pessoas votam. A sociedade acredita que cada um deve preocupar-se consigo e não com o coletivo.

Assim a visão de Arendt contribuiu para uma análise sobre a humanidade, seus direitos, seu lugar na construção do mundo e também como

---

<sup>54</sup>FRANCISCO, Maria de Fátima Simões. **Preservar e Renovar o Mundo**. Revista Sujeito e Cultura, vol.6, 2005.

objeto de dominação. A filósofa em seus escritos, não busca um mundo que não existe, mas sim a ideias de que se pode buscar a compreensão do cuidar do mundo, como um princípio proposto por Arendt.

O cuidado com o mundo, em seu aspecto social e político, que se pode revelar a cultura e neste sentido a resposta de Arendt, baseada nos romanos sobre como seria uma pessoa culta nos lança o desafio contido no ato mesmo de julgar e eleger, pois culto “seria alguém que [antes de tudo] soubesse como escolher sua companhia entre homens, entre coisas e entre pensamentos, tanto no presente como no passado”<sup>55</sup>.

A educação é para Arendt algo que se constitui como um meio de se buscar nas gerações passadas as ações do homem e que podem “tornar-se” significativas para as gerações vindouras. É por meio dela que o homem decide amar ou não o outro e o educador a amar ou não o educando de tal maneira que o impeça de ser excluído do mundo. Assim, afirma-se que é por meio da educação que se pode pensar a composição de um sujeito autônomo e sujeito de sua própria história.

Porém, diante de todas essas transformações sociais, Arendt mantém a esperança por acreditar que o homem pode sair dessa condição que o deixa, submisso em relação ao outro. O começo para ela é sempre possível, já que o homem está em constante renovação e, pode ser educado, é entendido como a cultura, assim superando os limites da violência e do isolamento, que lhes foi imposta pela sociedade de massa.

---

<sup>55</sup> ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 281.

## REFERÊNCIAS

ADLER, Laure. **Nos Passos de Hannah Arendt**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ALMEIDA, Vanessa Sievers de. **Educação, Histórias e Sentido em Hannah Arendt**. Disponível em: <http://www.anped.org.br>. Acesso em 09 maio 2012.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

\_\_\_\_\_. **Eichmman em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal;** Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **Entre o Passado e o Futuro**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

\_\_\_\_\_. **Entre amigas. A correspondência de Hannah Arendt e Mary McCarthy 1949-1975**, Nova York. Trad. Sieni Campos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

\_\_\_\_\_. Hannah. O Sentido da Política. In: **O que é política?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_. **Origens do Totalitarismo: Anti-semitismo, Imperialismo e Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1972.

BÁRCENA, Fernando. Cultura animi- uma pedagogia del mundo. In: **Hannah Arendt uma filosofia de la natalidade**. Barcelona: Herder, 2006.

BOBBIO, N. MATTEUCCI, N, PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. Trad. de Carmem C. Varriale, Gaetano Lo Mônaco, João Ferreira, Luiz Guerreiro Pinto Caçais e Renzo Dini. 5º Edição. Vol II. Editora. Unb. 1983.

BONFIM, Cacilda. **Hannah Arendt: o social e o político na crise da cultura.** Disponível em:<http://UnB.revistainterambio.net.br>. Acesso em 12 abril 2012.

BRAGA, Thiago Rodrigues. **A Condição Humana de Hannah Arendt.** Disponível em:<http://www.mundodosfilosofos.com.br>. Acesso em 12 abril 2012.

BRIENT, Jean François. **Da Servidão Moderna.** Disponível em;<http://delasservitude.moderne.org>. Acesso em 12 maio 2012.

CALLEGARO, Ronaldo. **Reflexões sobre a Educação no Pensamento de Hannah Arendt.** 4º encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia – Unesp. Disponível em:<http://www.marilia.unesp.br>. Acesso em 10 abril 2012.

CONCEIÇÃO, Edilene Maria de. **Ideologia e Terror: configuração do Totalitarismo de Hannah Arendt.** Disponível em:<http://www.iptan.edu.br>. Acesso em 12 abril 2012.

COSTA, Pedro Paulo Pereira. **O Papel do Educador na Concepção de Hannah Arendt.** Disponível em:<http://www.catolicadeanapolis.com.br>. Acesso em 10 abril 2012.

COSTA, S. **A democracia e a dinâmica da esfera pública.** Lua Nova, São Paulo: Lua Nova. N° 36, p.55-65.

D'FONSECA, Vanessa de Cunha Prado. **Pensamento, da Mundaneidade da Arte em Hannah Arendt.** Disponível em: <http://www.ip.usp.br>. Acesso em 10 abril 2012.

DUARTE, André. **O Pensamento à Sombra da Ruptura: Política e Filosofia em Hannah Arendt.** São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FERRARI, Márcio. **Hannah Arendt, a voz de apoio a autoridade do professor.** Revista Nova Escola Gestão Escolar Estudos e Pesquisas. Disponível em: [revistaescola.abril.com.br](http://revistaescola.abril.com.br). Publicado em 16 nov.2010. Acesso em 12 abril 2012.

FRANCISCO, Maria de Fátima Simões. **Preservar e Renovar o Mundo**. Rev.Sujeito e Cultura,vol.6,1996.

GASPARINI, Melissa Ferreira. **Breves Comentários sobre vida e obra de Hannah Arendt**. Disponível em:<http://www.dhnet.org.br>. Acesso em 10 março 2012.

GOLUBOVIC, Zagorka. **O que os novos movimentos sociais podem aprender com a filosofia de Hanna Arendt ?** Filosofia ou Política (Org). São Paulo: Annablume, 2010.

JARDIM, Eduardo; MURICY, Katia. **Hannah Arendt e a compreensão de nossa época**. 3ª edição. São Paulo: Jorge Zahar, 1986.

JARDIM, Eduardo. **Homo faber: o animal que tem mãos**, na visão de Hannah Arendt. Disponível em <http://www.semináriosmv.org.br>. Acesso em 10 março 2012.

MAGALHÃES, Teresa Calvet de. **A atividade humana do trabalho [labor] em Hannah Arendt**. Disponível em:<http://www.ufjt.br/eticaefilosofia>. Acesso em 09 maio 2012.

MARQUES, Bárbara Romeika Rodrigues. **Entre o ímpeto criativo e ação política: como pensar a educação a partir de Hannan Arendt e Nietzsche?** Disponível em:<http://www.filosofia.ufc.br>. Acesso em 12 abril 2012.

MEDEIROS, Silvio. **Cultura, arte, política e sociedade de massa em Hannah Arendt**. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br>. Acesso em 12 maio 2012.

MURAMOTO, David; COSTA, Hugo. **Estetica a serviço da Ideologia**. Nazismo, 2011. Disponível em: [http:// www.osp.br](http://www.osp.br). Acesso em 09 maio 2012.

PASSOS, Fábio Abreu dos. **Uma análise da Sociedade de Massa a partir da perspectiva de Hannah Arendt.** Disponível em:<http://www.iptan.edu.br>. Acesso em 09 maio 2012.

PETERS, R. S. Educação como iniciação. In: ARCHAMBAULT, R. D. (Org.) **Educação e análise filosófica.** Tradução de Carlos Eduardo Guimarães, Maria da Conceição Guimarães. São Paulo: Saraiva, 1979.

SANTOS, Rafael José dos. **Consumo e Legitimidade na cultura mundializada.** Revista de Turismo Patrimonial Cultural - vol 2 nº 1, 2007.

SILVA, Douglas Andrade de. **Totalitarismo, Alteridade e Relações Internacionais:** contribuições para a análise da política internacional. Disponível em:<http://www.repositorio.uniceub.br>. Acesso em 12 abril 2012.

SILVA, José Alexandre da. **Hannah Arendt.** Revista Norte Ciência, vol.2, Nº 2,p.73-82,2011.Disponível em:<http://webcache.google.com>.Acesso em 12 maio 2012.

SILVA, Lázaro Aparecido. **Filosofia e Política: o sentido da educação e da cultura.** Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação - USP), 2007.

SOUKI, Nádia. **Hannah Arendt e a banalidade do mal.** Belo Horizonte: Editora humanas/UFMG, 2006.

STOPPINO,Mario. Totalitarismo. In: BOBBIO, Norberto et al. **Dicionário de Política.** V.2 .13. Ed. Brasília: UNB, 2005.

ZOCARATO. **Estado totalitário:** concepção do termo em Hannah Arendt e sua relação com outros autores. Disponível em:<http://www.webartigo.com>. Acesso em 12 abril 2012.Acesso em 08 março 2012.

ZUBEM, Newton Aquiles Von. **O Pensar de Hannah Arendt e Paul Ricoeur.**  
Disponível em;<http://www.fae.unicamp.br>. Acesso em 08 março 2012.